

PRIMEIRO DIA DE ESTÁGIO: DO MEDO NO RECREIO AOS DESAFIOS NA AULA PARA UMA TURMA DE 5.o ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Aline de Freitas Roldão*

Apresento nesse texto uma narrativa sobre o meu primeiro dia de estágio em ensino de geografia em uma escola municipal de Uberlândia-MG. Trata-se do Estágio Supervisionado I, realizado no primeiro semestre letivo de 2011 no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, no qual esse estágio é voltado para a educação infantil e os anos iniciais (1.o ao 5.o anos) do ensino fundamental, tendo uma carga horária prática pequena. As atividades de ensino para o estágio na escola foram elaboradas de forma coletiva pelos estagiários e o professor orientador do estágio na universidade e realizadas por duplas de estagiários em aulas para quatro turmas de 4.o ano do ensino fundamental e uma de 5.o ano. Os temas e conteúdos das atividades de ensino foram indicados pelas professoras da escola, conforme o programa de ensino que estavam desenvolvendo com as turmas. Para as classes de 4.o ano o tema indicado foi “Hidrografia do Município de Uberlândia” e para a de 5.o ano, “Bacias hidrográficas do Brasil”. Para abordagem nas aulas, foram empregados mapas e plantas, fotografias, imagens de satélite, textos, vídeos, perfil topográfico, uma maquete do relevo com hidrografia do Brasil e outra de uma área grande da cidade, incluindo o entorno da escola com a localização.

As duplas de estagiários para ministrar as aulas na escola foram formadas de acordo com as proximidades e afinidades pessoais e as disponibilidades de horários de cada um, já que éramos dos cursos diurno e noturno e as aulas na escola eram no período da tarde. Nessa distribuição, foi preciso formar um trio para concluir as aulas no 5.o ano, o qual integrei com dois colegas de minha turma, sendo os únicos a ir em três para a sala de aula na escola. A professora titular da classe encontrava-se em licença prêmio e trabalharíamos com a professora que estava substituindo-a.

* Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.
E-mail: alineroldao@yahoo.com.br

Ao chegar à escola, meu primeiro sentimento foi de medo, de falta de confiança em mim mesma. Minhas mãos estavam geladas e tremulas de tanto nervosismo. Juntamente com meus colegas de estágio, fomos até a sala dos professores e pegamos as duas maquetes que iríamos utilizar na aula.

Ao passar pelo pátio da escola, mais uma vez meu nervosismo se exaltou, pois as crianças estavam no horário do recreio e confesso nunca ter ouvido tantos gritos e ter visto tanta inquietação em toda minha vida. Porém, respirei fundo e dirigi-me até a sala do 5º ano, para a qual iríamos ministrar as aulas. Ao chegar à sala, alguns alunos já se encontravam lá e outros ainda estavam no recreio, divertindo-se. Muitos dos que estavam na sala, ainda em clima de recreio, vinham com inúmeras perguntas, cheios de curiosidades.

Um grande desafio de início foi tentar acalmá-los, pois não conseguiam se sentar em suas respectivas carteiras, uma vez que para eles ter pessoas diferentes na sala era motivo de festa. Pedir silêncio era quase impossível, pois para falar no meio de tantas vozes ao mesmo tempo parecia inútil. Entretanto, com a ajuda da professora e de tanto repetir para que ouvissem, o silêncio foi se instaurando e perdurou por alguns instantes.

Ficava me perguntando se naqueles dois horários, sendo cada um de cinquenta minutos, daria tempo de desenvolver as atividades propostas, pois dos primeiros cinquenta minutos, dez já tinham se passado. Esse parecia ser mais um desafio. Mas outros ainda se revelariam.

Ao fazer algumas perguntas aos alunos, a fim de recordar conteúdos já vistos por eles, a disputa era enorme. Todos levantavam as mãos de uma só vez, gritavam, brigavam para responder. Parecia que o mundo ia acabar ali, naquele momento.

Alguns lembravam bem dos conceitos já trabalhados, outros nem tanto e alguns pareciam estar em outro mundo. É assim que vi aquela turma, composta de vários tipos de alunos: os interessados, que se sentavam nas carteiras da frente na sala e que estavam sempre a par do conteúdo; os que tinham dificuldades na aprendizagem; os que realmente tinham preguiça; e os que assumiam o desinteresse. Talvez sejam esses últimos minha maior preocupação.

Durante a realização das atividades, incluindo a demonstração da maquete, o desenho da bacia hidrográfica em estudo, os exercícios propostos, eram vários os acontecimentos simultâneos na sala de aula, alguns, por sinal, bizarros. Alunos conversavam sem parar; outros andavam pela sala; outros fazendo desenhos totalmente incompatíveis com o assunto da aula. Mas há de se ressaltar também aqueles que realizavam e concluíam suas atividades até mesmo

antes do previsto e que se orgulhavam em dizer que haviam terminado, dirigindo-se até mim para que eu conferisse.

Ao tentar mostrar a maquete de perto para eles, os mesmos ficavam enlouquecidos, uns querendo ver primeiro que os outros. Sendo assim, dividir a sala em grupos foi a melhor opção. A intenção era de que enquanto um grupo via a maquete de perto para acompanhar nossas demonstrações e explicações, os outros desenvolvessem uma atividade de desenho sobre a microbacia hidrográfica em que se encontra a escola. Alguns realizaram a atividade com êxito, enquanto outros nem tentaram.

Em alguns momentos era impossível de desenvolver o conteúdo, pois a bagunça era tanta que a professora tinha que intervir. Nem todos a obedeciam e alguns até mesmo a desafiavam. Houve um momento de discussão entre um aluno e a professora, que o mandou para a diretoria a fim de que a diretora da escola resolvesse o problema. Neste momento me perguntei: Mas porque a professora mandar o aluno para a direção? Ela não possui autonomia de resolver os problemas que acontecem em sua sala de aula?

Talvez seja essa uma das grandes questões da educação nos dias atuais, em que o professor perde sua própria autoridade, colocando em risco o respeito por parte dos seus alunos. Este foi um dos momentos que mais me marcou durante a realização do estágio, quando pude ver de perto os caminhos que a educação no nosso país está seguindo, em que os alunos não respeitam mais os professores e estes perdem a autoridade máxima na sala de aula.

Outra observação durante o estágio foi em relação à estrutura da sala de aula, mais especificamente, o espaço da mesma, que é pequeno e mal organizado, sendo que os alunos precisavam se sentar muito próximos e com as carteiras lado a lado, diferente daquele jeito tradicional utilizando fileiras únicas. Para ministrar a aula e interagir com eles foi difícil, pois o espaço não permitia se movimentar na sala com facilidade.

Fiquei convencida de que os alunos com que desenvolvi meu primeiro estágio representam a grande massa de estudantes do ensino fundamental em escolas públicas no Brasil e neste caso, me preocupo bastante, pois o que vivenciei no estágio não foi tão positivo quanto esperava.

Tenho consciência da importância do ensino da Geografia nas escolas, sendo esta uma ciência que estuda as relações entre as sociedades e o funcionamento da natureza levando em conta fatores históricos e que é fundamental na formação educacional do aluno, auxiliando-o a entender as relações e as transformações ocorridas no mundo. Também tenho consciência da importância do estágio na minha formação como professora de geografia. Minhas

perspectivas em relação a ser professora são as melhores possíveis, pois ainda acredito que a maior riqueza do ser humano está na educação.

Desta forma, posso dizer que apesar de algumas indignações quanto à situação atual da educação e que vivenciei durante o estágio, tenho convicção da contribuição que esta primeira experiência proporcionou para minha formação inicial de professora de geografia e que consegui compreender a necessidade e o valor do estágio em sala de aula na escola para a formação de qualquer professor.

Texto recebido em 16/09/2011 para avaliação e aceito em 29/11/2011